



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

NIETZSCHE ENTRE A CIÊNCIA E A CRÍTICA DOS FENÔMENOS MORAIS

ABRAÃO LINCOLN COSTA¹

Resumo: O presente trabalho apresenta uma discussão sobre a filosofia de Friedrich Nietzsche no tocante às verdadeiras origens dos fenômenos morais que circundam as obras de *Humano, Demasiado Humano* e *Para Além de Bem e Mal*. Ao obedecer essa análise, é apontado que a primeira obra apresenta uma possível filiação do filósofo alemão com a ciência, de modo a se concluir dessas influências não apenas a sua tentativa de combater à metafísica, mas também inferir a sua aproximação com alguns nomes que o auxiliaram nesse combate, tais como Augusto Comte, Darwin e Paul Rée. Já na análise da segunda obra, é verificada a possibilidade do seu conteúdo não seguir exatamente a mesma tendência metodológica de *Humano*. A tese proposta será a de que Nietzsche rompeu radicalmente com o método científico para colocar em seu lugar o método crítico para a investigação da origem dos fenômenos morais, com o qual pretende problematizar a maneira como os valores adquiriram evidência por si, ou seja, evidenciar como um mero valor se tornou “valor em si”, categoricamente posto. Esta prerrogativa estaria na radical mudança de suas concepções de história e psicologia no exame da origem da moral.

Palavras-chave: Nietzsche. Ciência. Metafísica. Método. Fenômenos morais.

1. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN). E-mail: abraaofilosofia@gmail.com

NIETZSCHE BETWEEN THE SCIENCE AND THE CRITIC OF THE MORAL PHENOMENONS

Abstract: The current work has the objective of presenting a discussion about Friedrich Nietzsche, in regards to the true origins of moral phenomenon which surrounds the work of *Human, All Too Human and Beyond Good and Evil*. In compliance with this analysis, we intend to show that the first work presents us with a possible affiliation of the German philosopher with positivism, so that we conclude from these influences not only its attempt to oppose metaphysics, but also its approach to a few names which help on this opposition, such as Augusto Comte, Charles Darwin and Paul Rée. Now on the second work, we will analyze the possibility of its content not following exactly the same methodological trend of *Human*. This proposed thesis will be the one whose Nietzsche radically broke from the scientific positivist method to put in its place the critical method for the investigation of the moral phenomenon origin, with which it is intended to question the way how the values acquired evidence on its own, i.e., as a mere value turned into a “value itself”, positively put. The certainty of that would be on the radical change of its conceptions of history and psychology on the analysis of moral origin.

Keywords: Nietzsche. Science. Metaphysic. Method. Morals phenomenons.

A discussão sobre a filosofia de Friedrich Nietzsche concernente às verdadeiras origens dos fenômenos morais que circunda as obras de *Humano, demasiado humano (HH)* e *Para além de bem e mal (ABM)* busca demonstrar que a primeira obra nos apresenta uma possibilidade de alinhamento com as ciências naturais [*Naturwissenschaft*] de modo a concluirmos não apenas o seu combate à metafísica, mas também a sua aproximação com nomes da ciência como Augusto Comte, Charles Darwin e Paul Rée. Já em *ABM*, a intenção é analisar a possibilidade do conteúdo da obra não seguir exatamente a mesma tendência metodológica de *HH*, uma vez que as muitas passagens dos seus aforismos parecem sinalizar para o rompimento com o método científico.

Nesse início, estarei concentrado em algumas passagens dos capítulos 1 e 2 de *Humano*. É dessa forma que percebo mais nitidamente a primeira tarefa de explicar a suspeita de uma filiação de Nietzsche à teoria positivista e evolucionista, principalmente ligadas às ideias de Charles Darwin. O interesse dessa aliança direciona a perscrutação para o desenvolvimento de uma clara orientação metodológica, considerando que para o filósofo alemão os pensadores pertencentes à tradição metafísica, diferentes de Darwin, mostraram-se incapazes de fornecer

explicações cientificamente sucintas sobre as origens do homem e dos fenômenos morais (*HH I*, 1). Por conta disso, a tarefa seria encontrar respostas a partir do método científico² a fim de se alcançar a veracidade e a comprovação dos objetos de estudo analisados.

Com o propósito de explicar as influências do positivismo que o filósofo alemão sofrera, não há como deixar à margem dessas explicações as teses de Augusto Comte. Numa visão mais ampla, o pensamento comteano possui raízes no empirismo surgido na Inglaterra do século XVIII (JAPIASSU, 1981, p. 8), que se consolida como parte dessa corrente ao deixar claro em seu pensamento a importância da ciência concentrar-se nos “fatos imediatos da experiência, fugindo de toda especulação metafísica” (HESSEN, 1970, p. 45). O método geral encontrado no positivismo consiste na busca pela precisa observação dos fenômenos para então admiti-los como a única maneira de alcançarmos o mais seguro entendimento dos diferentes fatos sucedidos na natureza. Apoiando-se no positivismo epistemológico e no progresso da sociedade industrial, Comte estabelece uma inovadora estrutura hierárquica das ciências que posteriormente passou a ser seguida pelo mundo ocidental. Ele a organizou em ciências fundamentais como a matemática, a astronomia, a física, a química, a biologia e a sociologia; nas ciências descritivas, sendo estas a zoologia, a botânica, a mineralogia e a psicologia e, por fim, a engenharia, a agricultura e a educação, ditas ciências aplicadas.

Como já mencionado, outra influência sofrida por Nietzsche a ser destacada viria de Charles Darwin. Suas ideias acerca da inserção de uma moral sobre o prisma da história natural garantiria uma passagem para as pesquisas naturalistas da moral, o que trouxera enorme contribuição àquilo que o filósofo alemão escreveu em *Humano*. De acordo com a tese darwinista, o comportamento moral que caracteriza a espécie humana também poderia surgir em qualquer animal social capaz de desenvolver faculdades intelectuais, assim como o que ocorreu conosco, seres humanos. Nesse caso, havendo pré-condições para o desenvolvimento dessa moralidade, juntamente com o uso de uma linguagem, as condições para o surgimento de um comportamento moral seria cabível em qualquer outra espécie. Embora essas explicações sinalizem certa obviedade em nossos tempos, a proposta desse pensamento escrito em *The Descent of Man* causara na época certo impacto ao constatar-se nesse pensamento uma proposta reducionista, quando dito que os

2. Nesse trecho, faço referência à concepção de Augusto Comte acerca dos três estágios do progresso humano, conforme exposto no livro *Curso de Filosofia Positiva*. O estado teológico foi superado pelo estado metafísico, e este, por fim, fôra superado pelo estado positivo ou científico. Assim, o método geral do positivismo para Comte consiste na observação dos fenômenos, opondo-se aos racionalistas e idealistas, por acreditar que somente a experiência sensível é a única em condições de produzir, mediante dados concretos, um tipo de ciência aos moldes daquilo que pretendia a sua doutrina.

sentimentos morais descendem de causas naturais e não mais de circunstâncias provenientes de algum mundo transcendente.

Além da obra *The descent of man*, a *Origem das espécies* causou forte impacto no mundo científico e filosófico do século XIX. Com a marca do positivismo, Darwin trouxe elementos que, de maneira contundente, mostraram à ciência um novo modo de conceber a origem do homem. Desta forma, o darwinismo conseguiu rejeitar todas as explicações sobrenaturais acerca dos fenômenos e das causas naturais para dar lugar às explicações de cunho científico; o darwinismo também, pois ao introduzir o pensamento populacional descarta a tipologia, ou seja, descarta o conceito de que toda as variações da vida dependem de uma quantidade reduzida de “tipos” ou “essências”, cada uma gerando uma classe. Logo, a teoria de Darwin sobre a evolução invalidou qualquer pressuposto teleológico que dirija a vida a graus de perfeição cada vez mais elevados; contribuiu para uma nova visão da humanidade, na qual o homem aparece como único animal dotado de linguagem verdadeira, com gramática e sintaxe, e de cultura rica; e, por fim, o darwinismo possibilitou o estabelecimento de fundamentos científicos para o estudo da ética, tendo em vista a seleção natural favorecer um comportamento altruísta.

Considerando a forte influência do positivismo de Comte e de Darwin, é certo entender que Nietzsche também se propôs à busca de uma orientação metodológica, o que o fez compreender, assim como o filósofo inglês Stuart Mill compreende, que a ciência apresenta uma forma útil uma vez que, para ele, o estudo da moral deveria passar pelos rígidos critérios científicos, tal como os inúmeros fenômenos naturais. Cabe verificar que na obra *Humano* o objetivo da perseguição de Nietzsche a essa orientação metodológica seria o de explicar o homem e os fenômenos morais sem mais qualquer pressuposto metafísico. Por isso, os passos dessa ciência deviam de modo rigoroso apresentar como características: os fatos como objetos de domínio científico; a busca pela noção de certezas empíricas (exceto para o estudo dos fenômenos morais); uma noção de exatidão temporal³; o não esgotamento à descritividade do fenômeno, já que agora a ciência não mais narra suas conclusões de forma absoluta e necessária; o acúmulo de conhecimentos, sempre visando a explicação de prognósticos, permitindo ao homem a dominação da natureza e que, por fim, concluiria na impossibilidade de haver qualquer identidade metafísica entre a consciência e o Ser.

Dentre tantas especificidades, a necessidade de obedecer esses passos também se justificou pelo estudo que consiste na busca por eliminar a pergunta feita pela tradição metafísica referente à causa primeira, ou seja, quanto à “origem” e à “identidade”. Para Nietzsche, a tradição filosófica pareceu restringir suas investigações sobre a vida sempre com base nessa pergunta, desprovendo-se então

3. Pensar como exigência metodológica a exatidão temporal é também marcar a certeza de um juízo, isto é, romper com a necessidade de universalidade, fato tão comum na metafísica.

da capacidade empírica de investigar de modo imanente aquilo que é encontrado na natureza. É Nietzsche quem corrobora essa assertiva premissa, a partir do que se deduz de seus questionamentos:

...em quase todos os pontos, os problemas filosóficos são novamente formulados tal como dois mil anos atrás? Como pode algo se originar do seu oposto, por exemplo, o racional do irracional, o sensível do morto, o lógico do ilógico, a contemplação desinteressada do desejo cobiçoso, a vida para o próximo do egoísmo, a verdade dos erros? (HH, I, 1)

Com base nessas questões de Nietzsche, deduzo que para fins metodológicos o filósofo considerou fundamental recorrer-se às ciências positivas, que apresentavam na época os elementos necessários de superação ao problema das origens, conforme apresentado pelos jônicos, e o problema da identidade, investigado por Parmênides, Platão e Aristóteles.

Como então superar o dualismo psicofísico presente nas explicações da metafísica? Apoiado numa orientação metodológica de aspecto monista, Nietzsche concluiu que a nova tarefa do *logos* não seria mais a busca por conclusões de ordem absoluta, pois agora tudo o que se diz sobre a experiência tem o nome de “hipótese”. Vejo nisso a influência da nova ciência quando se admite na mutabilidade os limites da razão, o que permitiria a historicização do homem e da natureza sobre o viés naturalista. Caberá à história como ciência narrar e descrever os fenômenos naturais, rompendo com uma ontologia orientada pela dualidade psicofísica para inserção de uma compreensão monista do mundo. Assim, acredito que Nietzsche recupera uma importante discussão do século 19 ao apresentar em *Humano* um monismo semelhante ao tipo darwinista, o que teria estreita relação com o positivismo.

A prova desse monismo está no primeiro aforismo, intitulado “*Química dos conceitos e sentimentos*”, no qual Nietzsche apresenta o sentimento egoísta como base para alcançar a sublimação que o transformará no altruísmo. A passagem desse estado psíquico para o outro remete ao mesmo processo químico de volatilização comumente sofrido quando uma substância se transforma em outra (exemplo: líquido para o gasoso). Portanto, um sentimento não é oposto ao outro e, tampouco, meramente signo de vício e o outro de virtude, mas unicamente sentimentos de intensidades diferentes, sendo um mais leve e elevado e o outro mais denso. Ambos pertencem à mesma composição, por isso é permitida a sublimação de um para o outro.

O monismo encontrado na metáfora da “química dos conceitos e sentimentos” propõe de maneira metodológica uma nova interpretação do homem e dos fenômenos morais, a fim de constatar a não existência da oposição, como pensavam os metafísicos. É possível notar na explicação desse aforismo a forte

influência do positivismo ao concluir que a tese nietzschiana pretende afirmar um tipo de moralidade de propósitos altruístas sem que as suas origens estejam justificadas em algum plano transcendente ou religioso. Dessa maneira, a química dos conceitos e sentimentos assume a tarefa de explicar os fenômenos morais tal como a ciência busca explicar a transformação das substâncias naturais que a todo instante ocorrem na natureza. Verificamos com isso a tarefa de Nietzsche ao realizar a transposição das leis da química e parte da teoria darwinista para a sua filosofia, isso com o intuito de explicar as origens de modo imanente. Com esse recurso, o filósofo alemão superou o problema metafísico da oposição pré-socrática, contrarregra ao problema da identidade, conforme visto em muitos filósofos como Parmênides, Platão e Aristóteles.

Nessa aproximação com Darwin, em *Humano*, Nietzsche também compreende o comportamento dos homens através da competitividade e da variação. A história, como imprescindível ciência, saberia mostrar um novo modo de analisar as origens do homem, isto é, um modo sujeito ao processo evolutivo. Esse modelo de investigação passaria então a substituir a teleologia, que sempre definiu os seres vivos como estáticos e eternos. É nesse aspecto que a contribuição darwinista tornou-se de suma importância para a elaboração das ideias nietzschianas. Isto porque a teoria da evolução das espécies apresenta a superação da lógica dos opostos, encontrada na metafísica, para dar lugar ao método histórico e comparativo. Se antes, o passado, o presente e o futuro eram explicados dentro da causalidade proposta pelos metafísicos, a partir do século XIX, com a ciência positivista, o recurso da comparação passou a permitir a análise de causas antiquíssimas, provando que a natureza ao longo do tempo teria sofrido várias transformações.

Diante das novas descobertas científicas, é cabível levantarmos as seguintes indagações: a rejeição das explicações transcendentais não acentuaria o problema da falta de sentido da existência? A vida não se tornaria mais dolorosa e incrédula sem o consolo metafísico comumente visto em algumas religiões? Pensando nisso, Nietzsche comenta:

Creemos dizer algo de bom sobre uma filosofia, quando a apresentamos como substituto da religião para um povo. De fato, na economia espiritual são necessários, ocasionalmente, círculos de ideias intermediários; de modo que a passagem da religião para a concepção científica é um salto violento e perigoso, algo a ser desaconselhado. Neste sentido é justificado aquele louvor. Mas deveríamos também aprender, afinal, que as necessidades que a religião satisfaz e que a filosofia deve agora satisfazer não são imutáveis; podem ser enfraquecidas e eliminadas. (HHI, 27)

Devido às eventuais perturbações provocadas pelo abandono de algumas crenças metafísicas, Nietzsche pensou numa etapa científica capaz de desenvolver instrumentos que soubessem acalmar a euforia das crenças religiosas no que

concerne à salvação da alma e à redenção dos pecados. O mais preciso instrumento seria a psicologia – vista na filosofia nietzschiana como ciência responsável por esclarecer certos fenômenos ligados aos estados do corpo e da mente. Vale ressaltar que nesse momento a filosofia nietzschiana concebe um monismo do qual supera a dicotomia psicofísica encontrada na tradição dualista. Posto isso, ao pensar nos fenômenos psicológicos, tais como as emoções, os sentimentos e as volições, não podemos desassociá-los do estado corpóreo, já que a compreensão desses tornar-se-ia improvável sem a admissão dessa matéria.

Ainda que vejamos no método de Nietzsche algo de considerável relevância para superação da metafísica, resta analisarmos a sua justificativa para tornar a psicologia uma ciência. A pergunta feita pelo filósofo alemão consistia em como é possível a observação de um fato psicológico ou, simplesmente, como é possível constatar empiricamente as valorações no indivíduo. Embora durante a transitoriedade dos estados de conhecimento Comte admitisse a importância do estado metafísico entre a passagem dos estados religioso e científico, Nietzsche via como possibilidade a transição direta, mas cuidadosa da religião para a ciência. Diante dessa busca, a filosofia nietzschiana encontrara na corrente intuicionista⁴ a condição necessária para se pensar sobre tal feito.

De forma geral, Paul Rée, através do intuicionismo, nos diz que aquilo que julgamos saber, concluir ou inferir não possui origem racional. Nietzsche, apropriando-se das características dessa corrente, propõe que qualquer sentimento humano tende a produzir dois valores: moral e imoral. No entanto, o único espaço onde se maximizam as vantagens pessoais é na vida social, razão pela qual o indivíduo reconhece que a sua felicidade é de costume legitimada quando um maior número de indivíduos também passa a desfrutá-la. Logo, as motivações para uma vida moral partem de causas simplesmente naturais, assinalando para o maior número de semelhanças do que diferenças entre as vantagens particulares e as vantagens sociais. Do ponto de vista metodológico, essa explicação também aproxima Nietzsche do utilitarismo de Mill, uma vez que os princípios das ações morais não podem ser entendidos racionalmente, mas como princípio quase pragmático.

Em que medida é útil – Portanto: se a observação psicológica traz mais utilidade ou desvantagem aos homens permanece ainda sem resposta; mas certamente é necessária, pois a ciência não pode passar sem ela. Mas a ciência não tem consideração pelos fins últimos, e tampouco a natureza; e como esta ocasionalmente produz coisas da mais elevada pertinência, sem tê-las querido, também a verdadeira

4. De acordo com Abbagnano (2000, 583), podemos definir o intuicionismo como atitudes filosóficas ou científicas diversas, que costuma apresentar em comum o recurso à intuição no sentido mais geral do termo. Dentre as diferentes correntes que exploram o termo, cabe aqui a aproximação com a filosofia escocesa, ou seja, a ideia de uma filosofia fundamentada em certas verdades primitivas e indubitáveis, conhecidas como “intuição”.

ciência, sendo a imitação da natureza em conceitos, promoverá ocasionalmente, e mesmo com frequência, vantagem e bem-estar para os homens, e alcançará o que é pertinente – mas igualmente sem tê-lo querido. (HH, I, 35)

Notar a aproximação de Nietzsche tanto ao intuicionismo quanto ao utilitarismo é também conceber ao seu pensamento um *status* de ciência, bem como adquirido por Mill, Spencer, Darwin e outros. É correto inferir que o monismo epistemológico nietzschiano parecia ter a pretensão de desenvolver uma ciência moral em condições de eliminar definitivamente os resquícios metafísicos que persistiam nas explicações acerca dos fenômenos morais. Daí a importância da psicologia, como nova ciência capaz de alcançar esclarecimentos que libertem o homem das falsas noções do além mundo. É então tarefa do cientista e filósofo criar dispositivos que permitam o homem levar uma vida imperturbável.

Nietzsche, contagiado pelos avanços científicos da sua época, compreendia a importância de inserir no mundo uma cultura científica em prol da liberdade de espírito, abstendo-se de todos os valores metafísicos. Para tanto, a psicologia deve mostrar que o seu modo de fazer ciência não pode ser identicamente comparado a outras ciências que dependem da observação empírica. É preciso entender a respeito dessa nova ciência pela qual os indivíduos são observados, não mediante os sentidos, mas, através de sentenças. Ou seja, quanto mais se mergulha com agudez nas sentenças morais, mais se economiza o dispositivo da linguagem, pois os procedimentos detalhados e sistematizados pouco contribuem para o entendimento da psique humana. Ser, portanto, antissistemático é conseguir transmitir com simplicidade e eficiência o saber desejado. Dessa forma, Nietzsche a todo instante recorreu à arte aforismática, isto é, à capacidade de escrever de forma concisa e objetiva, mas sem jamais perder a profundidade. Em suma, cabe ao psicólogo exprimir, condensar e explicar os fenômenos mentais, tal como fizera o filósofo La Rochefoucauld, que apresentou um pensamento consistente e em nada carente de excessivos tratos demonstrativos. Obediente às próprias palavras de Nietzsche: “La Rochefoucauld antepôs à primeira edição das suas *Sentences et maximes morales*: *Ce que le monde nomme vertu n'est d'ordinaire qu'un fantôme formé par nos passions, à qui on donne un nom honnête pour faire impunément ce qu'on vent*”⁵.

Para Nietzsche, o conjunto de valores formados partem de uma vontade egoísta. A profundidade e eficácia na leitura do comportamento humano está na observação psicológica contida na sentença. Havendo agudez, ela então poderá se sustentar cientificamente. Desse modo, ela torna-se profunda, pois toma como base aquilo que não pode ser captado empiricamente. O primado do olhar é dispensado, já que a observação psicológica busca captar o sentimento (por isso, não observável

5. Aquilo que o mundo chama de “virtude” não é, via de regra, senão um fantasma formado por nossas paixões, ao qual damos o nome honesto para impunemente fazer o que quisermos. (HH I, 36)

empiricamente) – a maneira como cada indivíduo se comporta. O filósofo alemão entendia que não havendo uma filosofia em condição de captar os sentimentos morais, deveria então a ciência assumir essa tarefa; a de captar aquilo que está fora do âmbito da representação sensível, mas, ainda assim, dentro da representação.

Até esse momento, procurei construir a hipótese de que Nietzsche, ao influenciar-se com as leituras de Comte, Darwin e Rée, desenvolveu uma concepção monista metodológica para então conceber no historicismo evolucionista a solução dos impasses da metafísica tradicional. Além disso, o filósofo propôs a implementação de uma ciência da moral com fins terapêuticos capaz de atenuar os problemas existenciais com a perda da metafísica. Os vários argumentos atestam que em *Humano* a importância da filosofia apoiar-se num método científico. Como ele afirma:

No conjunto, os métodos científicos são um produto da pesquisa ao menos tão importante quanto qualquer outro resultado; pois o espírito repousa na compreensão do método, e os resultados todos da ciência não poderiam impedir um novo triunfo da superstição e do contra-senso, caso esses métodos se perdessem. (*HH I*, 635)

Tentarei agora elucidar alguns pontos dos capítulos 1 e 5 da obra *ABM* com o intuito de indicar duas possibilidades de interpretação: a primeira, a existência de uma continuidade do ponto de vista metodológico acerca daquilo que fôra escrito em *Humano* e, a segunda, referente ao rompimento com o método científico-positivista. Concordando com essa última tese, logo, pretendo justificar como é possível analisar alguns aforismos de *ABM*, sob o viés crítico, no tocante ao problema da investigação dos fenômenos morais.

O tema de necessário auxílio na obra é sobre a vontade de poder. Com essa doutrina é possível estabelecer um eixo norteador para a compreensão dos assuntos que circundam os capítulos desenvolvidos. Diante disso, também é possível notar que Nietzsche em vários momentos estará colocando a necessidade da filosofia reaprender a perguntar, ou melhor, ponderar em que medida a vontade de poder auxilia na compreensão dos fenômenos morais. Se o darwinismo concebia uma noção forte de ciência pelo viés do naturalismo normativo, desta vez, em *ABM*, Nietzsche desenvolveu como ponto de partida a crítica dos pressupostos.

Nietzsche apresenta no primeiro capítulo um questionamento sobre o valor de “verdade”. Nesse sentido, a tarefa do seu mais novo método é questionar esse valor de “verdade” costumeiramente contido nas principais teses filosóficas que fazem parte da tradição. De acordo com o filósofo, elas referem-se a um desejo natural de impor verdades que, todavia, tentam se abster do caráter crítico por almejarem o desejo de se autoconsagrar como verdades eternas e imutáveis. Como o próprio autor comenta:

Este modo de julgar constitui o típico preconceito pelo qual podem ser reconhecidos os metafísicos de todos os tempos; tal espécie de valoração está por trás de todos os seus procedimentos lógicos; é a partir desta sua “crença” que eles procuram alcançar seu “saber”, alcançar algo que no fim é batizado solenemente de “verdade”. A crença fundamental dos metafísicos é a *crença nas oposições dos valores*. Nem aos mais cuidadosos entre eles ocorreu duvidar aqui, no limiar, onde mais era necessário: mesmo quando haviam jurado para si próprios de *omnibus dubitandum* [de tudo duvidar]. (*ABM*, 2)

Colocar em questão aquilo que não se questiona seria não entender a própria inquestionabilidade contida no valor de verdade, já que para muitas crenças filosóficas aquilo que se auto evidencia jamais pode ser questionado. Tamanha verdade, pela qual também defino como a capacidade da razão ou dos sentidos acessarem o espírito puro da “coisa em si”⁶, não somente tornou-se uma preocupação da filosofia, mas também da ciência. Nesse sentido, posso interpretar *ABM* como uma obra que começa a dar sinais de ruptura com a ciência positivista para uma posição cada vez mais crítica no tocante às interpretações do entendimento humano.

O problema de um conhecimento que não se permite a profunda interpretação é destiná-lo a uma estranha presunção de verdade absoluta e autoevidente; para Nietzsche, seriam ambos os problemas da filosofia e da ciência. Sobre esse efeito, o estudo da moral passou a ser compreendido como a capacidade do pensamento se autoimunizar perante à crítica. Se o valor moral é tido como vigente, isso significa que como verdade dominante é, por efeito, um instrumento de poder. Entretanto, não é possível alcançar o cerne de nenhuma verdade, pois não há como apreender de modo inteligível a veracidade dos fatos; para o filósofo, tornar-se-iam apenas interpretações acerca dos fenômenos morais.

É de suma relevância para a tese nietzschiana cultivar o hábito de perguntar. Isso remete aos importantes passos da reflexão filosófica, que partem primeiramente da sensação de estranheza e, por conseguinte, ao questionamento. Portanto, apenas é possível levantar importantes questões, quando antes houver a estranheza diante dos valores que nos são postos como dados ou autoevidentes. A criticidade contida na obra implica no uso trágico da linguagem, tornando-se a maneira eficiente de reconhecer a falseabilidade dos conhecimentos que se denominam como universais e absolutos. Nesse instante, Nietzsche reconheceu a mutabilidade e o devir do pensamento. Aquilo que se propõe como interpretação vigente pode vir a se diluir

6. Sigo as explicações de estudiosos, como o professor Rogério Lopes. A crítica à filosofia kantiana está dirigida à questão epistemológica pois, para Nietzsche, existe uma contradição em se pensar a “coisa em si” como algo inacessível ao homem e, ao mesmo tempo, a sua possível utilização para fins determinados, como controle cultural ou religioso. Entretanto, alguns especialistas afirmam que a “coisa em si” não é necessariamente definida como realidade inacessível, mas unicamente de fidelização do sujeito com a realidade objetiva, ou simplesmente, uma espécie de mecanismo conceitual capaz de pensar sobre o possível, mas não sobre o factual.

no porvir em outras interpretações, pois todas partem do desejo de sobreposição às demais, já que constituem na essência a vontade de poder.

Portanto, não seria errado pensar na seguinte pergunta: como Nietzsche conseguiu se livrar da crítica que ele próprio alastrou sobre a filosofia e a ciência? É certo responder que se tudo aquilo que para o autor é tido como conhecimento apresenta por desejo a busca pela dominação, então isso quer dizer que a interpretação nietzschiana também busca naturalmente essa valoração. Dessa maneira, não há como se livrar dessa tendência, pois expressa o desejo natural do homem de poder e dominação no âmbito do saber. Por isso, a moral considerada por “verdadeira” é aquela que vigora sobre uma cultura, não importando que seja materialista ou metafísica.

Nietzsche afirma que não pode existir uma condição de conhecimento que não se valha pela imposição. É sempre uma imposição que tende a esconder os seus pressupostos na tentativa de justificar a sua aceitação como um valor dado; por isso, a necessidade de criar valores em si, não deixando que a sua interpretação seja interpretada. Logo, todo valor posto possui origem na força que o põe - isso é o que novamente atribuímos a uma vontade de poder (BM, 224). De acordo com a interpretação da obra, vejo que a tendência natural da vida é a busca por elevação. Aqui, entende-se por elevação tudo aquilo que quer o poder. Obedecendo essa compreensão, é correto entender que toda vontade de poder é o querer sempre algo, que também podemos definir como um afeto de comando. A pretensão nietzschiana é mostrar que essa vontade de poder concerne do processo natural e, por isso, busca sempre apropriar-se de outras formas para manter sua hegemonia. Enquanto uma vontade domina, a outra resiste a essa dominação, até certo ponto. Nas palavras de Nietzsche:

Querer me parece, antes de tudo algo *complicado*, algo que somente como palavra constitui uma unidade – e precisamente nesta palavra se esconde o preconceito popular que subjogou a cautela sempre inadequada dos filósofos. Ao menos uma vez sejamos cautelosos, então; sejamos “afilosóficos” – digamos que em todo querer existe, primeiro, uma pluralidade de sensações, a saber, a sensação do estado que se deixa, a sensação do estado para o qual se vai, a sensação desse “deixar” e “ir” mesmo, e ainda uma sensação muscular concomitante, que, mesmo sem movimentarmos “braços e pernas”, entra em jogo por uma espécie de hábito, tão logo “queremos”. Portanto, assim como sentir, aliás muitos tipos de sentir, deve ser tido como ingrediente do querer, do mesmo modo, e em segundo lugar, também o pensar: em todo ato da vontade há um pensamento que comanda; - e não se creia que é possível separar tal pensamento do “querer”, como se então ainda restasse vontade! Em terceiro lugar, a vontade não é apenas um *complexo* de sentir e pensar, mas sobretudo um *afeto*: aquele afeto do comando. (ABM, 19)

Em sentido estrito, entendo que, seguindo o raciocínio do filósofo, ao obedecer as características que assinalam uma vontade de verdade, o conhecimento

dominante será sempre aquele que determina o maior valor. Assim ocorreu durante o *eidos* platônico, a lógica aristotélica, a metafísica cartesiana e os juízos sintéticos *a priori* de Kant (*ABM*, 11). O conhecimento dominante de uma certa época estabelecerá sempre um sentido ao mundo e à vida. Entretanto, Nietzsche pretendeu mostrar que a importante pergunta acerca dos pressupostos deve-se a não autoevidência do posto, pois o conhecimento posto jamais é um conhecimento dado. Ao tentar se impor como uma verdade absoluta, a interpretação dominante buscará sempre ocultar os seus pressupostos. Contudo, não há como desmembrar as condições de vida das condições de conhecimento, pois os seus propósitos estão sempre à serviço da elevação, da promoção e da conservação da vida (*BM*, 224).

Essa compreensão leva ao novo estudo da psicologia em *ABM*. Se, em *Humano*, essa ciência pretendia ensinar ao homem a extirpar as necessidades metafísicas, agora ela pretende ensinar à crítica, como imprescindível elemento para entender os pressupostos que se ocultam nos diferentes valores de verdade, tal como encontrados na ciência, na filosofia e na religião. Por isso, o que mais vale é a pergunta sobre as origens do conhecimento tido como dado, já que a verdade posta por essas diferentes formas de conhecimento não são dadas, mas utilizam-se de valores auto imunizantes para dominar (*ABM*, 13). Usam, dessa forma, os signos⁷ linguísticos, já que sem eles a vontade não alcançaria a sua dominação sobre as demais.

Como mostrado no capítulo 5, o propósito do conhecimento encontra-se submisso ao propósito de dominação (*BM*, 186). Isso justifica o problema do querer ter sempre como meta a coisa querida, porém, mantendo oculto os seus pressupostos. Desse modo, a interpretação psicológica da obra possui a tarefa de explicar que aquilo que se quer é também aquilo que sempre emprega nos seus pressupostos o desejo de verdade absoluta e universal, pois naturalmente emprega protoformas da vontade de poder. Essa compreensão se estenderá para outros instantes da filosofia nietzschiana, conforme visto na citação:

A vontade de poder interpreta: quando um órgão ganha forma, trata-se de uma interpretação; a vontade de poder delimita, determina graus de disparidades de poder. As simples disparidades de poder não poderiam ser percebidas como tais, tem que existir algo que queira crescer, que, com referência a seu valor, interprete qualquer outra coisa que queira crescer. [...] Na verdade, a interpretação é ela mesma um meio de se assenhorear de alguma coisa. O processo orgânico pressupõe um perpétuo interpretar. (*FP XII*, 2 [148], 1986)

É preciso esclarecer que diferente do monismo metodológico em *Humano*, *demasiado humano*, conforme a hipótese apresentada no texto, a noção de vontade

7. De modo simples e direto defino signo como o direito de significar, portanto, imprescindível para a realização da vontade de poder, à qual Nietzsche trata na obra.

desta vez torna-se plural; não sendo, portanto, princípio, e, tampouco fundamento, mas, sim, um jogo de multiplicidades decorrentes de processos rivais adquirindo novas interpretações. “Jogo que não exclui a possibilidade de alianças ou coalizões parciais. São essas traduções particularizadas da vontade de poder que Nietzsche designa pelos termos ‘afetos’, ‘instintos’ ou então ‘pulsões’”. (WOTLING, 2011, p. 62)

Vejo que em *ABM*, Nietzsche, tal como em *Humano*, tenta reabilitar uma ciência de caráter não observável. Afinal, como estudar cientificamente os fenômenos morais, sendo estes fenômenos não observáveis? No estudo sobre a vontade de poder, o filósofo nos mostrou que o trunfo de uma interpretação dominante é tornar-se ininterpretável devido a sua capacidade de autoimunização. Dentro de uma análise psicológica, os sentimentos morais são sempre tomados como dados, por isso, a investigação sobre esses deve se basear na construção de sentenças.

Em linhas gerais, Nietzsche desenvolveu em *ABM* uma heurística da suspeita, substituindo as concepções filosóficas anteriores ao concluir que a realidade seria algo interpretável enquanto a vontade de poder e nada mais. Essa constatação é resultado de uma árdua pesquisa, cujos passos podem ser percebidos em alguns aforismos dessa obra. Diante disso, a realidade nada mais é do que algo processual e homogêneo, desprestigiando as antigas interpretações metafísicas, em especial, a ideia do ser e do mundo transcendente.

Enfim, concluo que a intenção de Nietzsche é evidenciar sob a luz do historicismo e de uma ciência da moral que não existem noções absolutas de verdade. Para o filósofo, as concepções morais, independente da cultura, são elaboradas pelo homem, expressando, naturalmente, um desejo de dominação sobre outras formas de pensamento, sem que isso originalmente tenha qualquer causa metafísica. Isso, segundo ele, atesta o motivo pelo qual muitas pessoas acomodam-se a uma “moral de rebanho”, pautada comumente na submissão irrefletida aos valores dominantes da cultura. De acordo com o pensamento mostrado, caso qualquer um compreenda que os valores pertencentes à vida são em grande parte constructos de uma vontade de verdade, possivelmente isso poderá colocá-lo em melhor condição de refletir sobre as origens de suas concepções morais, enfrentando, assim, os desafios de aprender a viver por sua própria conta e risco.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad.: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

COMTE, Augusto. *Curso de Filosofia Positiva*. Trad.: José Arthur Gianotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DARWIN, Charles. *A origem do homem*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

_____. The descent of man. In: WILSON, EDWARD O. (org.). *From so simple a beginning*. New York: W.W. Norton & Co, 2006

JAPIASSU, Hilton. *Questões epistemológicas*. Editora Imago: Rio de Janeiro, 1981.

MILL, John Stuart. *A liberdade; Utilitarismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano*. v. I. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Para além do bem e do mal*. v. I. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Fragmentos póstumos (1869-1874)*. Trad.: Luís E. de Santiago Guervós. v. I. 2. ed. Madrid: Tecnos, 2010.

RÉE, Paul. *The origin of the moral sensations*. Ed. Robin Small, Chicago: University of Illinois Press, 2003.

VAN TONGEREN, Paul. *A moral da crítica de Nietzsche à moral: estudos sobre “Para além de bem e mal”*. Trad.: Jorge Luiz Viesenteiner. Curitiba: Editora Champagnat, 2012.

WOTLING, Patrick. *Vocabulário de Friedrich Nietzsche*. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2011.